

A INTERTEXTUALIDADE NA OBRA *AS CRÔNICAS DE NÁRNIA – O SOBRINHO DO MAGO*

THAYANE SOUZA DA SILVA
Orientador. Erivelto Reis

Resumo

A pesquisa “A intertextualidade em *As Crônicas de Nárnia – O Sobrinho do Mago*” tem como objetivo, a partir dos estudos em Literatura Comparada, analisar as referências bíblicas na obra de C. S. Lewis, um texto narrativo contemporâneo ficcional, no intuito de identificar se a bíblia sagrada teve o texto subvertido ou parafraseado pelo autor.

Palavras chaves: Intertextualidade, Nárnia, texto, Literatura Comparada, Bíblia.

Abstract

The search for "Intertextuality in *The Chronicles of Narnia - The Magician's Nephew*" aims, from studies in comparative literature, analyzing the biblical references in the works of CS Lewis, a contemporary narrative text fictional, in order to identify the holy bible had subverted the text or paraphrased by the author.

Key words: Intertextuality, Narnia, Text, Comparative Literature, Bible.

1. A intertextualidade

O termo “intertextualidade” criado por Kristeva designava o processo de produtividade do texto literário. Kristeva diz: “Todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, se instala a de intertextualidade, e a linguagem poética se lê, pelo menos, como dupla.” (CARVALHAL, 2006, p. 50).

Pode-se compreender que o processo de elaboração de um texto literário é resultante da leitura de um texto literário realizado anteriormente, ou seja, um texto é uma absorção e/ou réplica de um ou mais textos.

Este conceito de intertextualidade criado por Kristeva foi renovado por Laurent Jenny e compreendido que o texto não é apenas a soma da união de outros textos, de outras influências, mas sim a transformação e a assimilação de vários textos em um único texto, sendo o texto centralizador que possui o comando do seu sentido.

Através do novo conceito, ao invés de compreendermos a intertextualidade como a dependência de um texto com outro como se a existência de um dependesse do outro, podemos compreender que é um processo natural de reescrita de um texto.

Agora que se compreende o que é a intertextualidade, utilizarei o método da comparação na investigação da intertextualidade que ocorre em *As crônicas de Nárnia – O sobrinho do Mago* com o texto bíblico da Gênese.

O autor de *As crônicas de Nárnia*, C. S. Lewis, recontou ou copiou um texto bíblico? Para isso, precisamos compreender os dois tipos de textos para analisá-los.

Começamos então compreendendo o corpus desta investigação.

2 . O Sobrinho do Mago e a Bíblia

As *crônicas de Nárnia – O sobrinho do Mago* é o sexto livro da saga escrito por Lewis e para que se possa compreender a relação desta obra com o texto bíblico, vejamos um pouco sobre a vida do autor.

C. S. Lewis nasceu no final do século XIX, no período da Era Vitoriana, na Irlanda, onde houve um grande fortalecimento do Cristianismo e da superioridade intelectual da leitura erudita.

Em sua adolescência, Lewis passou por muitas turbulências, como a morte de sua mãe. Para preencher este vazio causado pela perda, Lewis teve a necessidade de preenchê-lo com uma religião e, aos 15 anos, começou a escrever ficção, ainda que fosse de forma imatura.

Mais uma vez, em sua vida, passou por momentos conturbados, como sua participação na Primeira Guerra Mundial. Após seu retorno, deu continuidade a seus estudos e se afastou cada vez mais de sua crença religiosa, tornando-se cético. Com o passar dos anos, reencontrou sua fé em Deus, reafirmando sua crença cristã.

Estudava na Universidade de Oxford e na mesma, após reencontrar sua fé, começou a participar de encontros onde se discutia ideias sobre literaturas e sobre também as inserções de valores cristãos em textos literários. Esses encontros e sua formação em Teologia influenciaram Lewis a escrever obras literárias em que os valores cristãos foram inseridos.

O autor utilizou-se de suas experiências pessoais e de seu conhecimento em Teologia e em Letras para a criação de suas crônicas narnianas.

As *Crônicas de Nárnia* foram uma coletânea de ficção, sendo composta por sete livros em que temas bíblicos são abordados. Nossa investigação sobre intertextualidade ocorrerá no seu sexto livro, o qual é considerado por muitos críticos literários e leitores o primeiro em ordem cronológica para se fazer a leitura. Fato esse que se justifica por ser o primeiro dos livros a contar as origens do lugar fictício chamado Nárnia, lugar este em que se passa todas as histórias.

Faremos então a análise do corpus.

O sobrinho do Mago foi publicado no ano de 1955 e pode-se observar uma das primeiras alusões à Bíblia. O livro em questão foi republicado no ano de 2005 em um único volume, contando com os sete livros, sendo este o primeiro da ordem.

É um livro que possui como personagens principais um menino chamado Digory e sua vizinha e amiga, Polly. Digory morava em Londres com seus tios André e Letícia, que eram dois solteirões e morava também com sua mãe, que estava muito doente. Polly era sua vizinha e desde o primeiro dia em que se conheceram tornaram-se grandes amigos.

Tio André, um homem fascinado com magia, acreditava ter criado anéis mágicos que transportavam quem os usasse para um novo mundo repleto de magia. Tio André usou como cobaia para seus próprios interesses as duas crianças, Digory e Polly, para por em a prova que estava correto. Os dois, usando os anéis, acabaram indo parar em um outro mundo chamado Charn.

As duas crianças acabaram visitando um mundo que estava totalmente destruído. Em busca de uma saída, acabaram chegando a uma sala com inúmeras estátuas, onde havia uma coluna quadrada de um metro de altura, parecida com uma mesa. Em cima, ficava um arco dourado ao qual pendia um sino de ouro e do outro lado, um martelo.

De acordo com o livro *O sobrinho do Mago*, encontrava-se a seguinte descrição talhada na coluna: “Ousado aventureiro, decida de uma vez: Faça o sino vibrar e

aguarde o perigo ou acabe louco de tanto pensar: Se eu tivesse tocado, o que teria acontecido? (LEWIS, C.S. As Crônicas de Nárnia, 2005, P.33)”.

Digory, o menino, movido por um feitiço, acaba tocando o sino e liberta uma feiticeira muito poderosa, responsável pela destruição do mundo Charn, chamada de Rainha Jadis e que posteriormente, nos outros livros das crônicas, é conhecida como a Feiticeira Branca.

Esta cena do livro, claramente faz alusão à queda do homem no livro da Gênesis do Antigo Testamento, onde, no relato bíblico, a mulher e o homem desobedecem a uma ordem explícita de Deus em que eles não podiam comer um determinado fruto, de uma determinada árvore, pois era proibido.

No capítulo 2, versículos 16 e 17 da Gênesis diz:

E o Senhor Deus lhe deu esta ordem: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia que dela comeres, certamente morrerás. (ALMEIDA, João Ferreira de. Bíblia Sagrada, 1993, p.4).

Assim, facilmente compreendemos que houve uma desobediência do homem a uma ordem explícita, mesma atitude acometida pelo menino Digory. Eva desobedeceu à ordem de Deus e Adão não a impediu do ato, mesma forma que Polly, mesmo achando errado, não impediu Digory de tocar o sino, sendo assim a primeira alusão entre um texto e outro.

Continuemos então com as investigações.

Digory e Polly conseguem sair do mundo de Charn, mas a rainha Jadis acaba indo para a Terra junto com as crianças. A rainha pretendia destruir a Terra da mesma maneira como havia feito em seu mundo e em outros mundos que havia freqüentado, dessa forma começou a causar confusões em Londres.

Tio André ficou maravilhado, pois os anéis haviam funcionado e logo quando encontrou a rainha Jadis, ofereceu-se por livre e espontânea vontade a ser seu servo. Digory e Polly queriam consertar o grande erro que cometeram ao trazer por engano a rainha e pretendiam levá-la de volta para Charn.

Após vários incidentes, Digory acabou utilizando o anel e junto com Polly, Jadis e o tio André acabaram indo parar em um mundo escuro e vazio, levando com eles mais dois personagens importantes para a história, o cocheiro e seu cavalo Morango, pois a rainha Jadis havia roubado sua carroça e o mesmo a queria de volta. Neste mundo escuro, Digory percebeu que não estavam em Charn e que mais uma vez havia se equivocado.

Em meio à escuridão, começa um processo de criação de um novo mundo, intitulado Nárnia. Essa criação se inicia por uma canção entoada por um leão, o qual cantava músicas diferentes para cada criação que surgia. Primeiro cantou e surgiu a luz, havendo a separação de luz e escuridão, com o surgimento de seus astros no céu. Depois, cantando outras canções, foram surgindo a terra, o céu, os rios e mares, as árvores e outros tipos de plantas, como também criou os animais.

Conforme é apresentada em *O sobrinho do Mago*:

O Leão andava de um lado para o outro na terra nua, cantando a nova canção. Era mais suave e ritmada do que a canção com a qual convocara as estrelas e o sol; uma canção doce, sussurrante. À medida que caminhava e cantava, o vale ia ficando verde de capim. O capim se espalhava desde onde estava o Leão, como uma força, e subia pelas encostas dos pequenos montes como uma onda. Em poucos minutos

deslizava pelas vertentes mais baixas das montanhas distantes, suavizando cada vez mais aquele mundo novo. Podia-se ouvir a brisa encrespando a relva. (LEWIS, C.S. As Crônicas de Nárnia, 2005, p.59)

Através desse processo de criação, percebe-se que há uma sugestão de que o mundo passou a existir a partir do nada, por alguém que o imaginou e o executou. Alguém que o criou, assim como a Terra, a criação descrita na Gênesis, capítulo 1, versículos 1 a 8 no Antigo Testamento:

No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas. Chamou Deus à luz Dia e às trevas, Noite. Houve tarde e manhã, o primeiro dia. E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas. Fez, pois, Deus o firmamento e separação entre as águas debaixo do firmamento e as águas sobre o firmamento. E assim se fez. E chamou Deus ao firmamento Céus. Houve tarde e manhã, o segundo dia. (ALMEIDA, João Ferreira de. Bíblia Sagrada, 1993, p.3).

Percebemos agora, através destes fragmentos, uma segunda alusão que a obra *O sobrinho do Mago* faz à Bíblia.

Durante a criação de Nárnia na obra, o Leão e todos os elementos de referência ao personagem são escritos com letra maiúscula, assim como nos referimos a Deus e utilizamos elementos de referência para o mesmo. O Leão, chamado Aslan, está no mesmo patamar de hierarquia que Deus está perante a sua criação: É o ser divino, criador do mundo.

Seguindo a compreensão do corpus, logo após a criação, Digory vai atrás de Aslan com o intuito de lhe pedir ajuda para curar sua mãe e confessa que foi o causador da libertação da feiticeira. Aslan diz: “– Vejam só, companheiros: antes que o mundo limpo e novo que lhes dei tivesse sete horas de vida, a força do Mal já o invadiu, despertada e trazida até aqui por este Filho de Adão”. (LEWIS, C.S As Crônicas de Nárnia, 2005, p.74)

Nesta fala de Aslan, há dois elementos referentes à Bíblia. Quando se diz “antes que o mundo limpo e novo que lhes dei tivesse sete horas de vida”, sete horas se refere ao tempo em que Deus criou o mundo, mas não em horas e sim em dias, sete dias como descrito na Bíblia.

O outro termo citado por Aslan e que é citado em todas as outras obras das crônicas de Nárnia por Lewis é o termo “Filho de Adão” e “Filha de Eva”. Os personagens humanos que visitam Nárnia são chamados de filhos de Adão e de filhas de Eva e é dessa forma que as crianças são chamadas, sendo a representação bíblica do homem e da mulher, criados por Deus.

Ainda em Nárnia, Aslan torna o cocheiro o primeiro rei de Nárnia e traz sua esposa para este novo mundo, no intuito de que seja a primeira rainha de Nárnia. Também são chamados de “Filho de Adão” e de “Filha de Eva” e receberam a obrigação de cuidar, proteger e se multiplicar em Nárnia, assim como Adão e Eva no Jardim do Éden, conforme são descritos na Gênesis, no capítulo 2, versículo 15 do Antigo Testamento: “Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. (ALMEIDA, João Ferreira de. Bíblia Sagrada, 1993, p.4)”.

Dando continuidade à obra, Aslan dá uma missão para Grigory ir além das terras de Nárnia buscar um fruto para que pudesse ser plantado nesse novo mundo e, assim, ficasse protegido do mal que a feiticeira representa. Digory parte com Polly e com o cavalo Morango que foi nomeado Pluma, Dessa forma se tornou o primeiro cavalo alado de Nárnia e foram juntos em busca do fruto.

Ao encontrar o fruto, Digory o pega, mas encontra a feiticeira. Jadis diz:

– Sei a missão que o trouxe aqui – continuou a feiticeira. – Era eu que estava perto de vocês na noite passada, ouvindo tudo. Você colheu o fruto do jardim. Está no seu bolso. E vai levá-lo, sem provar dele, para o Leão: para que Ele coma o fruto; para que Ele use o fruto. Simplório! Sabe que fruto é este? É a maçã da eterna juventude. Sei por ter provado, e também já sei que jamais ficarei velha ou morrerei. Coma a maçã, rapaz, coma a maçã... e viveremos os dois eternamente e seremos reis deste mundo... ou do seu próprio mundo, se resolver voltar pra lá. (LEWIS, C.S. *As Crônicas de Nárnia*, 2005, p. 86).

Nesta cena, percebemos que a feiticeira Jadis representa o mal, a serpente que levou a queda do homem descrita no capítulo 3 de Gênesis.

Neste diálogo, Lewis nos remete a perceber como Jadis tenta corromper Digory, apelando para seu ego, tentando desviá-lo de seu caminho, de sua missão e dever para com os outros, igualmente como a serpente disse para seduzir Eva para que ela desobedecesse a Deus e comesse do fruto proibido como em Gênesis, capítulo 3, versículos 4 e 5:

Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, serei conhecedores do bem e do mal. (ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia Sagrada*, 1993, p.5).

Lewis deixa bem claro e explícito em sua obra que apesar do ser humano ter sido criado à imagem de Deus, são repletos de falhas e de escolhas.

Digory, à muito custo, não cede às influências da feiticeira Jadis e retorna à Nárnia com o fruto da árvore da Juventude. Plantou-a em Nárnia e voltou para casa com Polly. Aslan, antes de partir, lhe deu um fruto da árvore da Juventude para que Digory pudesse curar sua mãe.

A árvore da Juventude é o último elemento de *O sobrinho do Mago* que faz referência à Bíblia. Essa é, então, a árvore da vida citada na Bíblia. É por esta árvore que Deus expulsa Adão e Eva do Éden, pois já que comeram da árvore do conhecimento do bem e do mal, teriam conhecimento total sobre a tal árvore e assim, para que não comessem da árvore da vida, pois se comessem, viveriam eternamente.

Na Gênesis, capítulo 3, versículo 22, diz:

Então, diz o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal, assim que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente. (ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia Sagrada*, 1993, p.5).

3. A paródia e a estilização em *O Sobrinho do Mago*

Após toda a análise do texto narrativo contemporâneo *As Crônicas de Nárnia – O Sobrinho do Mago*, entende-se que ocorre a intertextualidade, pois encontra-se elementos que, claramente, se referem à Bíblia Sagrada.

Agora, deve-se compreender que tipo de intertextualidade ocorre nesse texto, tendo como teoria um ensaio não muito convencional do autor Affonso Romano de Sant'ana, como também, a partir de outros teóricos e minhas investigações. Começamos então a análise.

O termo paródia é um termo de linguagem que está se tornando cada vez mais utilizado nas obras, nos textos contemporâneos. E a paródia encontra-se presente na obra *As Crônicas de Nárnia – O Sobrinho do Mago*.

A princípio existe uma consonância com o termo “paródia” e o termo “modernidade”, pois desde os movimentos renovadores da arte do continente ocidental do século XIX até os movimentos mais radicais do século XX, tem se podido observar que a paródia é um efeito sistemático que está ocorrendo com a arte dos tempos atuais. Está aparecendo com bastante frequência em textos chamados por Affonso Romano de “textos parodísticos”, testemunhando que a arte contemporânea se faz em um exercício de linguagem, onde como diz de Sant'ana “a linguagem se dobra sobre si mesma num jogo de espelhos”.

Como na arte, isto ocorre na literatura, pois a literatura entende que é o reflexo de si mesma como em um círculo. Esse movimento circular sempre voltará para seu ponto de partida, como a literatura, voltada para si, desenvolvendo assuntos nos textos literários que sempre voltarão para si, os textos iniciais. Como a intertextualidade, são novos textos, mas fazendo referências aos textos anteriores.

Retomando a paródia, o fato de ser muito utilizada em nosso tempo, não quer dizer que seja uma invenção recente. De acordo com os estudos de Affonso, a paródia já existia no período da Grécia Antiga, Roma e durante a Idade Média. Então, o que acontece nos dias atuais é a intensificação da utilização desse termo, e, provavelmente, com o seu uso, houve um maior interesse da crítica.

Então, quando se diz que o termo “paródia” é a linguagem se desdobrando sobre si mesma, deve-se adicionar alguns raciocínios, pois com a especialização dos artistas em sua arte, levou-os a não dialogarem com a realidade à sua volta, mas sim com a própria realidade da linguagem. Sendo também o que ocorreu com a literatura, voltada para a realidade da própria literatura.

Como de Sant'ana diz:

[...] a linguagem literária muitas vezes acabou por alargar seu espaço internamente, numa alquimia de materiais estilísticos e formais tornam o texto literário um código que só os iniciados podem decodificar. Dentro dessa especialização, surge a paródia como efeito *metalingüístico* (a linguagem que fala sobre outra linguagem), e, como veremos mais adiante, é possível distinguir não apenas uma paródia de textos alheios (*intertextualidade*) como uma paródia dos próprios textos (*intratextualidade*). (SANT'ANA, 2003, p.8).

Ou seja, a paródia faz uso da metalinguagem, utiliza-se da própria linguagem para explicar a linguagem, usa-se do código para explicar o próprio código. Sendo assim, distinguirei uma paródia dentro de um texto ao qual possui intertextualidade. Não veremos nesta pesquisa o assunto sobre a intratextualidade, que é quando um

escritor retoma a sua obra e a reescreve. Este assunto poderá ficar para uma nova pesquisa futuramente.

Ao longo do tempo, o termo paródia foi se modificando e tornando-se algo mais específico. No dicionário de literatura do escritor Brewer, há uma definição curta e funcional, sendo descrita na obra de Affonso como “paródia significa uma ode que perverte o sentido de outra ode”.

Ode significa “um texto poético da Grécia” e perverter significa “alterar o sentido”. Ou seja, a paródia altera o sentido de um texto em outro e pode-se compreender que o termo utilizado foi criado na Grécia, onde era usado para alterar os textos poéticos e de acordo com Shipley, citado na obra de Sannt’ana, o texto poético na Grécia era cantado. Na literatura, o sentido de paródia é mais específico.

De acordo com Affonso: “Modernamente a paródia se define através de um jogo intertextual.” (SANNT’ANA, 2003, p.12).

Então, compreende-se que a paródia ocorre na intertextualidade presente em um texto.

Alguns autores mais contemporâneos definem a paródia por contiguidade, sendo um trabalho que junta pedaços de diferentes partes de uma determinada obra ou de várias obras de diversos artistas.

Nas “*crônicas de Nárnia*” possui referências apenas de uma determinada obra, que é a Bíblia Sagrada.

A paródia caminha, às vezes, lado a lado com o termo “estilização”. A estilização é o aproveitamento de um estilo de um texto em outro.

De acordo com Tynianov, que tornou o conceito de paródia mais sofisticado, diz que a paródia e a estilização estão próximas num texto literário, mas cada uma ocorre de um jeito. Existe o primeiro plano, que é a obra em si e existe o segundo plano, que vai ser a paródia ou a estilização da obra. No caso da paródia, os dois planos são discordantes, sendo opostos: a paródia de uma comédia será a tragédia e a paródia de uma tragédia será uma comédia. Já na estilização, há uma concordância entre os dois planos, pois o texto estilizando e o texto estilizado, vai aparecer a partir deste. Mas, quando a estilização tiver como motivação o cômico ou ser fortemente marcada se converterá em uma paródia.

Agora, de acordo com Barkhtin, tanto na paródia quanto na estilização, o autor acaba empregando a fala de um texto no outro. Mas, na paródia, é feita de forma contrária à estilização, pois quando se introduz naquela outra fala, introduz uma intenção que é oposta à fala original. Na estilização é possível haver a fusão de vozes de um texto e do novo texto estilizado.

Entre a paródia e a estilização há um paralelismo, pois a paródia é um efeito de intertextualidade, que tem a estilização como ponto de contato.

De acordo com Affonso: “[...] a estilização é a movimentação do discurso, a paródia é o discurso em progresso.” (SANNT’ANA, 2003, P.28).

Pode-se entender que a paródia é a evolução do discurso no texto e a estilização é o movimento desse processo.

Sabe-se que a paródia tem sua origem musical pela ode ser uma poesia cantada e que ela também está vinculada a prática da representação, pois a mesma tem uma função catártica ao contrapor os momentos dramáticos na tragédia. O texto que se utiliza da paródia vai muito além de uma apresentação e sim, pode ser definido com a ideia de reapresentação.

De acordo com de Sannt’ana:

Ora, o que o texto parodístico faz é exatamente uma re-apresentação daquilo que havia sido declarado. Uma nova e diferente maneira de ler o convencional. É um processo de liberação do discurso. É uma tomada de consciência crítica. (SANNT'ANA, 2003, p.31).

Ou seja, entende-se que o ato de apresentar algo é apresentar algo de forma tradicional, da forma que é e a paródia não apresenta nada em sua forma tradicional e sim, reapresenta, apresentando algo de novo, mas de uma outra forma.

As *Crônicas de Nárnia- O Sobrinho do Mago* apresenta alguns determinados acontecimentos bíblicos de uma outra forma, em que os personagens, o tempo, o cenário, são diferentes dos que são apresentados no texto bíblico.

A obra *As Crônicas de Nárnia – O Sobrinho do Mago* é um texto que faz referências à Bíblia Sagrada por conter de intertextualidade no mesmo. E partindo do conhecimento do que é a paródia e a estilização, efeitos presentes na intertextualidade, analisaremos o corpus mais uma vez.

4. A intertextualidade em *Nárnia*

Esta obra escrita por Lewis é uma paródia da Bíblia Sagrada, pois subverte o texto da Bíblia, ou seja, altera o sentido do texto bíblico. Apresenta algo já conhecido de uma nova forma, empregando uma nova fala ao texto.

A questão teocêntrica e bíblica encontrada na obra estudada, juntamente com os elementos de fantasia, como a mitologia, são utilizados pelo autor Lewis na elaboração da narrativa ficcional de *As Crônicas de Nárnia – O Sobrinho do Mago*. Estes elementos estão mesclados com os acontecimentos sobrenaturais durante a criação do mundo, do ser humano e da queda do homem do ponto de vista cristão, presente na Bíblia.

O texto bíblico é escrito em versículos, que são subdivisões de parágrafos que narram acontecimentos que explicam a origem da criação, do homem, da criação de povos, da fé dos homens em Deus, entre muitos outros acontecimentos que são abordados. Este tipo de texto tem uma intencionalidade para um determinado público alvo específico: os cristãos.

A Bíblia é um texto que ajuda os cristãos a entenderem a vontade de Deus para a sua vida e auxilia-os a buscar, por meio da figura de Cristo, um abrigo, um alívio, um socorro para as suas aflições. Então, o texto bíblico possui a intencionalidade de orientar, buscar alívio de sofrimentos na imagem de um ser Todo Poderoso, capaz de transmitir paz e alento em suas palavras sagradas.

Em *O Sobrinho do Mago* não vemos o estilo estrutural no texto, mas é perceptível que estes elementos bíblicos estão presentes. Estes elementos estão sendo recontados de outra forma e há uma intencionalidade de Lewis existente em sua obra que é distinta da intencionalidade do texto bíblico.

C.S. Lewis, em sua obra literária e teológica, vai instigando o ser humano a refletir sobre os acontecimentos ao redor e sobre o mundo que o cerca, bem como buscar uma solução para os conflitos espirituais e os problemas diários presentes na vida do ser humano.

Lewis, em sua religiosidade e usando a fantasia, leva o leitor a fazer uma viagem ficcional ao mundo de Nárnia, incitando-o a ter curiosidade sobre quem é o representante do personagem fictício no mundo real. Isto acaba levando o leitor a encontrar a imagem de Cristo em sua obra como um todo, cumprindo seu papel em

pregar o Evangelho e levando o leitor a compreender as qualidades transmitidas pelo personagem Aslan através de seu arquétipo apresentado na obra.

Pode-se compreender que a intencionalidade de Lewis é completamente diferente da intencionalidade do texto bíblico, pois a fala bíblica no texto possui a função de compreensão e orientação, enquanto a fala de Lewis em sua obra é de reflexão e evangelização do leitor.

Então, a obra *As Crônicas de Nárnia – O Sobrinho do Mago* parodiou o estilo bíblico ao relacionar o tema do divino, mas também alterando o sentido orientacional para um sentido de reflexão em uma narrativa ficcional, apresentando de uma forma diferente e com intencionalidade distinta.

Referências bibliográficas

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: ática, 2006. Série Princípios.

SANTA’NNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia*. São Paulo: Ática, 2003. Série Princípios.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da obra de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense, 1981.

TYNIANOV, Iuri. *Gogol e Dostoievski*. 1919.

LEWIS, C.S. *As Crônicas de Nárnia – O Sobrinho do Mago*. 2 e.d. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 7 e.d. São Paulo: Ática, 2007. Série Princípios.

Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. *Bíblia Sagrada*. 2 e.d. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

LIRA, Emanuel Ernandes Pereira de. *O sagrado e a intertextualidade bíblica em “As Crônicas de Nárnia”, de C.S. Lewis*. Artigo recebido em 1º de outubro de 2010 e aceito em 1º de abril em 2011.